

Poéticas Sensoriais: multidisciplinaridade e deficiência física.

Cíntia Nepomuceno Xavier

Programa de Pós-Graduação em Arte – UnB

Doutorada – Processos Comp. para a Cena – Or. Prof. Dra Roberta K. Matsumoto

Bolsista CAPES

Professora do Curso de Licenciatura em Dança do Instituto Federal de Brasília

Resumo: Poéticas Sensoriais é um projeto multidisciplinar composto por dança, música, design e arte-tecnologia com o objetivo de inserir pessoas com deficiência no campo do fazer artístico, a partir da ampliação de suas referências corporais criativas. Essa experiência desencadeou diversas reflexões sobre a predominância do sentido da visão no ensino da dança e de sua importância para formatar as sessões de improvisação.

Palavras-chave: Multidisciplinaridade, Inclusão Artística, Deficiência.

Poéticas Sensoriais é um projeto multidisciplinar composto por dança, música, design e arte-tecnologia visando inserir pessoas com deficiência no campo do fazer artístico, a partir da ampliação de suas referências corporais criativas. A idéia foi concebida após reivindicações de um grupo de pessoas cegas que, durante sessões de improvisação em dança, alegaram não ter estímulos suficientes para se movimentar porque nunca tiveram a oportunidade de ver alguém dançando. Essa experiência desencadeou reflexões sobre a importância do sentido da visão no ensino da dança e em sessões de improvisação. Além disso, ficou evidente a necessidade de ampliar as pesquisas sobre metodologias para um ensino da dança objetivando a inclusão artística.

Essa necessidade se transforma em urgência quando observamos as tendências pedagógicas contemporâneas de substituir os centros de ensino especiais por vivências escolares que acolham no mesmo espaço crianças com e sem necessidades educacionais específicas. Vale lembrar que a inserção da dança no currículo do ensino básico vem ocorrendo gradativamente e que, portanto, num futuro não muito distante, teremos aulas de dança ministradas nas escolas em classes compostas por crianças, adolescentes e jovens que poderão apresentar variadas deficiências. A questão é: teremos profissionais capazes de lidar com essa realidade?

O projeto Poéticas Sensoriais foi idealizado a partir de uma perspectiva pedagógica com o foco na formação de artistas criadores autônomos para atuar e compor. Com isso se pretende evitar as armadilhas do assistencialismo e da superficialidade, comuns em projetos que tratam as pessoas com deficiência como objetos em vez de sujeitos. A chamada inclusão cultural ganhou destaque nos canais de comunicação, fomentada por programas governamentais que destinaram verbas públicas com a finalidade de promovê-la. O Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal contemplou nosso projeto, possibilitando sua realização.

Fazem parte da equipe três doutorandos da área de Artes: Cíntia Nepomuceno – responsável pelo trabalho corporal; Eufrásio Prates – cuja pesquisa reúne música e novas tecnologias; e Flávia Amadeu – designer responsável pela assinatura visual do projeto. Os cinco integrantes selecionados para vivenciar a proposta possuem variados perfis: são duas mulheres e três homens, com idades entre 23 e 50 anos, sendo um surdo, dois cegos e dois “videntes” e “ouvintes” (termos utilizados por cegos e surdos para denominar aqueles que escutam e enxergam), nenhum deles com formação específica em dança. A reunião de cegos, surdos, videntes e ouvintes, homens e mulheres de diferentes faixas etárias no espaço de improvisação em dança, teve como intuito o desenvolvimento de metodologias que pudessem atender às variadas demandas coletivas e individuais.

O primeiro desafio escolhido pelo grupo foi buscar alternativas para libertar os deficientes visuais da dependência de outras pessoas para dançar. Em suas atividades cotidianas, os cegos precisam de bengalas, cães guias e/ou da indicação de outros indivíduos para se localizar no espaço. A intervenção de outras pessoas no processo de dança-improvisação dos cegos – por meio de comandos de voz, direcionamentos pelo toque ou no uso de acessórios – tem sido considerada uma alternativa eficiente para solucionar as limitações do não-enxergar. Com o intuito de deslocar o referencial de movimento para seus próprios corpos, inicialmente o grupo escolheu utilizar Vestimentas Computacionais Afetivas, cujo conceito foi criado por *Rosalind Picard* para caracterizar peças de roupas ou acessórios eletronicamente equipados e programados para estabelecer relações interativas com seus usuários, respondendo a estímulos do corpo ou do meio ambiente. Flávia Amadeu apresentou à equipe a idéia de uso dessas vestimentas que podem reagir tomando uma variedade de formas, cores ou desempenhando funções.

A pesquisa, no entanto, mudou de rumo quando Eufrásio Prates passou a utilizar durante as aulas um sistema computadorizado que capta, por meio de *webcams*, sinais visuais de movimento e os transforma em sons sintéticos gerados no próprio computador. Esse sistema, desenvolvido em Max/MSP/Jitter, faz uso de bibliotecas experimentais (como Jamoma e FTM/Ircam) para oferecer um conjunto de ferramentas de geração de som em tempo real, isto é, para funcionar como um *ensemble* musical digital operado simultaneamente por diversas interfaces não convencionais. Ao mesmo tempo, as imagens captadas sofrem alterações de cor e forma e podem ser projetadas em telões ou paredes do espaço cênico. As aulas de dança já estavam em andamento com o uso de algumas técnicas de Rudolf Laban (qualidades de movimento, fatores, temas para improvisação), alongamento, automassagem e exercícios com tubos de tecido elástico pesquisados durante o mestrado de Cíntia Nepomuceno. Porém, o salto qualitativo proporcionado pelo uso do sistema computadorizado foi percebido por toda a equipe. Os dançarinos ampliaram significativamente seus repertórios de movimento estimulados pela experiência de criar os

sons enquanto dançavam e/ou ver as imagens de suas danças projetadas nas paredes da sala de aula.

A produção dos sons a partir da movimentação serviu de estímulo para os cegos, que tiveram como principal desafio superar o medo do desequilíbrio. Para evitar a perda do controle do corpo permaneciam na postura vertical e improvisavam com movimentos angulosos, diretos e firmes. Enquanto isso, todos os outros participantes se moviam com frequentes variações de níveis e movimentos circulares. No início, a movimentação dos cegos pareceu “errada” para a improvisação. Contudo, a movimentação homogênea daqueles que enxergavam, incluindo quem tinha deficiência auditiva, desencadeou discussões sobre a predominância do sentido da visão nos exercícios improvisados, principalmente porque nenhum dos participantes tinha formação em dança. Ou seja, os padrões de movimento que pareciam “corretos” eram executados por aqueles que já tinham visto pessoas dançando e, portanto, tinham conceitos prévios sobre a movimentação considerada adequada numa atividade de improvisação em dança.

A experiência, inicialmente focada nas pessoas com deficiência, tornou-se o tema para uma pesquisa mais ampla sobre a interferência da visão em padrões de movimento improvisados que desencadeia uma circularidade homogênea entre dançarinos. Como já foi dito, a idéia inicial era proporcionar aos cegos a experiência de improvisar a partir de seus próprios corpos, sem necessitar do auxílio de outras pessoas. Contudo, a maior parte do referencial de movimento daqueles que enxergam está nos corpos moventes das outras pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LABAN, Rudolf. *Modern Educational Dance*. 3th ed., revised by Lisa Ullmann. London: MacDonald and Evans, 1975.

_____. *Domínio do Movimento*. São Paulo: Summus, 1978.

MIRANDA, Regina. *O Movimento Expressivo*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1979.

PICARD, Rosalind W. *Affective Computing*. MIT Press, 1997.

RENGEL, Lenira. *Dicionário Laban*. São Paulo: Annablume, 2003.

_____. *Os Temas de Movimento de Rudolf Laban (I, II, III, IV, V, VI, VII e VIII): modos de aplicação e referências*. São Paulo: Annablume, 2008.